AS IMPLICAÇÕES DO NEOPENTECOSTALISMO E DO DISCURSO DO LÍDER RELIGIOSO SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

José Ricardo Furquim[1]
Juliano Corrêa da Silva[2]

Resumo: O objetivo desta pesquisa é identificar quais são os fatores que levam as pessoas a buscar a solução de seus problemas na religião e se tais problemas são efetivamente sanados ou momentaneamente ocultados da realidade. Realizou-se um levantamento teórico acerca da formação religiosa e de grupos. O método utilizado na Pesquisa foi o qualitativo. A coleta de dados foi feita por recurso Audiovisual e, posteriormente transcrita para análise. Participaram das entrevistas três homens, indicados pelo líder religioso. Constatou-se que os fiéis acreditam que a palavra do líder é o fator proeminente de sua sobrevivência equiparando-se esta ocorrência a uma hipnose. Verificou-se ainda que os fiéis substituem a ciência e a psicologia pela fé, atribuindo a origem da doença a uma força maligna.

Palavras-chave: Psicanálise. Religião. Representações Sociais.

> *O louco saltou no meio deles e trespassou-os com o seu olhar. "Para onde foi Deus?", exclamou,... "vou lhes dizer! Nós o matamos! Vocês e eu! Somos nós os seus assassinos! Mas como fizemos isso? Deus morreu! Deus continua morto! E nós o matamos! O que o mundo possuía de mais sagrado e de mais poderoso até hoje sangrou sob o nosso punhal; quem nos limpará este sangue?"*
>
> Friedrich W. Nietzsche.

Nas últimas décadas, a sociedade passou por amplas transformações nas mais diversas áreas, mas uma das que mais chama a atenção é o surgimento de Igrejas intituladas Neopentecostais, que se utilizam do *marketing* da cura divina, do exorcismo e da Teologia da Prosperidade para exercerem seu empreendedorismo.

Em vista do crescimento exacerbado do número de participantes dessas Igrejas, em âmbito nacional, torna-se importante um estudo que investigue os fatores implícitos contidos no discurso dos líderes religiosos, que atraem uma gama de fiéis com a promessa de sanarem os problemas e sofrimentos humanos, sejam eles de qualquer ordem: financeira, psíquica, física ou espiritual.

Segundo o IBGE (2000), entre as décadas de 1970 a 2000, as Igrejas Neopentecostais obtiveram um acelerado crescimento, sendo que, em 1970, os evangélicos compunham o

[1] Psicólogo Clínico CRP-12/10740, Bacharel em Teologia pela UEL-PR, Especializando em Saúde da Família – UFSC.
[2] Professor Orientador, Mestre em Psicologia pela PUC-RS e Psicanalista pelo CEP de Porto Alegre.

montante de 2.652.090 (dois milhões, seiscentos e cinquenta e dois mil e noventa) e no Censo de 2000 já passavam dos 26 milhões de fiéis.

De acordo com Oliveira (2012), no ano 2000, cerca de 26,2 milhões de brasileiros se declaravam evangélicos, quantidade correspondente a 15,4% da população, e no ano de 2010, a quantidade de brasileiros que se identificaram como evangélicos saltou para 42,3 milhões, ou 22,2% da população do país.

Com base em tais dados, surgem as seguintes questões: o que leva as pessoas a buscarem a solução para seus problemas na religião? Tais problemas são sanados ou momentaneamente ocultados da realidade? Ou ainda, por que precisam de um líder religioso que se coloque na posição de *sujeito-suposto-saber*[3], o qual constantemente, em seu discurso, promete felicidade plena?

1 A PSICANÁLISE E A FORMAÇÃO RELIGIOSA

Conforme Zimerman e Osório (1997), desde que se tem conhecimento da gênese da civilização, o ser humano procura estabelecer relações sociais, pois não vive isoladamente, sendo gregário por natureza, ou seja, somente existe, ou subsiste, em função de seus inter-relacionamentos grupais. Mas, além de inter-relacionar-se, busca ainda um relacionamento com suas crenças no sagrado, evocando, desta maneira, a religiosidade na sua história.

A religião, conforme a terminologia *religione* (latim), deriva do verbo *religare* – ação de ligar – e pode ser entendida como o "conjunto das atitudes e atos pelo qual o homem se *prende*, *se liga* ao divino, ou manifesta sua dependência em relação a seres invisíveis tidos como sobrenaturais" (MADJAROF, 2010, p. 1).

Existem várias teorias acerca da origem da religião. Uma delas, e talvez a mais tradicional, seja aquela descrita nos Textos Bíblicos com a entrada do pecado original[4] na humanidade, quando, pela desobediência a Yavé (Deus), o ser humano perderia o direito de gozar da vida eterna e somente realizando rituais de sacrifícios expiatórios de um cordeiro é que poderia religar sua comunhão novamente com seu Deus.

[3] Segundo Lacan, o sujeito neurótico coloca-se na posição daquele que nada sabe e situa o analista no lugar de quem tem um saber, denominando-o assim de sujeito-suposto-saber (Lacan, 1988/1964, p. 220).
[4] Genesis 3.1-24 (ALMEIDA, 1993, p. 5).

Freud (1996g) considera o início da religião com base em outra ótica: a refeição totêmica no *mito da horda primeva*, na qual a ligação entre sagrado e civilização acontece pela criação de totens[5] pelos clãs[6].

O *mito da horda primeva* é descrito como uma tribo, na qual os filhos vivem sob a liderança opressora de um pai violento e ciumento que guarda todas as fêmeas do clã para si, expulsando os filhos da tribo, à medida que esses vão crescendo, para que não venham a possuir as fêmeas. Um dia, porém, esses filhos, tomados por um conflito de forças (ódio e admiração) em relação ao pai tirano, unem-se, voltam ao clã, matam o pai e comem a sua carne, objetivando, como alusão ao complexo de Édipo, adquirir uma parcela de sua força para assumir o lugar do pai (FREUD, 1996g).

No entanto, com a eliminação do pai e a suposta internalização dessa força, cada um dos irmãos (assim como o pai) queria ter todas as mulheres para si e "tal organização terminaria com a luta de todos contra todos, pois nenhum deles tinha força tão predominante a ponto de ser capaz de assumir o lugar do pai com êxito" (FREUD, 1996g, p. 147).

Na concepção de Freud (1996g, p. 145), a refeição totêmica, cujo objetivo era sacrificar um animal em oferenda a um deus para, posteriormente, pranteá-lo e comê-lo com a tribo, após o sacrifício, "descreve um ato ao mesmo tempo memorável e criminoso", pois o animal sacrificado para a refeição da tribo torna-se substituto desse pai todo-poderoso.

Freud (1996g, p. 148), ressalta que esse sistema totêmico foi "um pacto com o pai, no qual, este, prometia-lhes tudo o que a imaginação infantil pode esperar de um pai – proteção, cuidado e indulgência – enquanto que, por outro lado, comprometiam-se a [...] não repetir o ato que causara a destruição do pai real".

Tacitamente, Freud (1996g, p. 28) alude que a religiosidade busca recuperar a intimidade e a intensidade no relacionamento filho-pai, visando obter uma recompensa, "ou pelo menos, ser o seu filho bem amado". Dessa forma, o imaginário infantil, no animal vicário tem função expiatória de religar a relação com o pai.

Apesar de nos escritos Hebraicos não haver nenhuma referência à terminologia Deus-Pai, os Escritos da Torá[7] trazem *Elohim* ou Yawéh para menção de Deus (BIBLE WORKS,

[5] Qualquer objeto, animal, planta ou ancestral que seja cultuado como Deus ou equivalente por uma sociedade organizada em torno de um símbolo ou por uma religião (FREUD, 1913).

[6] Grupo de pessoas unidas por parentesco e linhagem, definido pela descendência de um ancestral comum (FERREIRA, 2004).

2006). Somente depois de Cristo, no Novo Testamento[8], que surge a expressão "Pai", pois com a vinda do Filho (Cristo) é que se passou a usar tal expressão. Assim, a partir dos escritos canônicos[9] posteriores ao primeiro século é que se iniciou a disseminação do termo "Pai" referindo-se a Deus.

Embora Freud (1996h) admita que o seu propósito não fosse explicar a origem da religião, em *O Futuro de uma Ilusão* (FREUD, 1996e, p. 52), declara: "tal como a neurose obsessiva das crianças, ela [a religião] surgiu no complexo de Édipo, do relacionamento com o pai" e esse mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses.

Salienta-se que a "última contribuição à crítica da Weltanschauung (visão do Universo) religiosa foi feita pela psicanálise, ao mostrar como a religião se originou no desamparo da criança ao atribuir seu conteúdo à sobrevivência, na idade madura, de desejos e necessidades da infância" (FREUD, 1996c, p. 155).

Assim, a religião seria a "neurose obsessiva universal da humanidade que abrange um sistema de ilusões plenas de desejo juntamente com um repúdio da realidade, tal como [...] num estado de confusão alucinatória beatífica" (FREUD, 1996e, p. 51).

Acerca dessa neurose universal, Freud (1996e, p. 55) afirma: "a religião [...] impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento. Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do mundo real de maneira delirante".

2 OS MOVIMENTOS GRUPAIS

Essa neurose coletiva consiste no encontro de massas que buscam proteção contra o sofrimento, por meio do discurso do líder religioso, o qual promete curas e milagres divinos e, quando os fiéis não conseguem êxito em tais promessas, preenchem-se com a culpa na condição de pecadores. Freud (1996g, p. 162) entende o sentimento de culpa como preceitos morais incutidos nos neuróticos, os quais são inibidos em suas ações: "neles, o pensamento

---

[7] Torá é o nome dado aos cinco primeiros livros do Tanakh (também chamados de Hamisha - as cinco partes da Torá) e que constituem o texto central do judaísmo (CLAVELLO, 2010).
[8] É o nome da versão da Bíblia hebraica para o grego, traduzida entre o terceiro e o primeiro século a.C. em Alexandria (CLAVELLO, 2010).
[9] Tem-se por canônico os livros Bíblicos aceitos pelos cristãos. Outros Escritos que não fazem parte do Cânon, são denominados apócrifos ou extracanônicos (CLAVELLO, 2010).

constitui um substituto completo do ato", experimentado na infância pela perversão, tornando-se pré-condição da moralidade excessiva.

Como no *mito da horda primeva*, os filhos santificam-se, tornam-se deuses, sentem remorso pela morte do pai, mas buscam isenção da culpa para obter felicidade. Para isso, comem a carne e bebem o sangue (o mesmo que é feito na ritualística da comunhão das igrejas cristãs) e almejam tal isenção por meio da existência de uma mente coletiva (FREUD, 1996g).

Freud (1996a, p. 109) declara que as pessoas que participam de cerimoniais neuróticos (como no *mito da horda*) são marcadas por um "conjunto de condições que devem ser preenchidas, da mesma forma que uma cerimônia matrimonial da Igreja: significa uma permissão para desfrutar os prazeres sexuais, que de outra maneira seriam pecaminosos".

Isso acontece porque, em grupo, independente das semelhanças ou diferenças entre os membros que o compõem, "o fato de terem sido transformados num grupo, coloca-os em uma posição de mentalidade coletiva que os faz pensar e agir de maneira muito diferente se tomados individualmente" (FREUD, 1996f, p. 83).

Tal como ocorre no *mito da horda primeva*, Freud (1996f, p. 85) declara que: "o indivíduo que faz parte de um grupo adquire, unicamente por considerações numéricas, um sentimento de poder invencível que lhe permite render-se a instintos que, estivesse ele sozinho, teria compulsoriamente mantido sob coerção":

> Há certas idéias (sic) e sentimentos que não surgem ou que não se transformam em atos, exceto no caso de indivíduos que formam um grupo. O grupo psicológico é formado por elementos heterogêneos que por um momento se combinam, exatamente como as células que constituem um corpo vivo, formam, por sua reunião, um novo ser que apresenta características muito diferentes daquelas possuídas por cada uma das células isoladamente (FREUD, 1996f, p. 83).

Para Zimerman e Osório (1997), a formação de um grupo vai além de uma simples soma de indivíduos, o grupo é um todo formado pela essência de pessoas com um conjunto de sistemas interdependentes reconhecidos pelo outro: desejos, identificações, valores e necessidades.

Como destaca Freud (1996f, p. 86) "num grupo, todo sentimento e todo ato são contagiosos, e contagiosos em tal grau, que o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo", gerando, assim, uma regressão a um estágio anterior da atividade mental, na qual as emoções se elevam e a capacidade intelectual diminui.

Além disso, no grupo, nada é premeditado, inexistindo a capacidade de perseverança: "não pode tolerar qualquer demora entre seu desejo e a realização do que deseja. Tem um sentimento de onipotência: para o indivíduo num grupo a noção de impossibilidade desaparece" (FREUD, 1996f, p. 88). Isso se torna nítido em algumas ocorrências em grupo, como em um *impeachment*, uma rebelião carcerária, uma torcida de futebol ou um culto religioso.

Um exemplo de movimentos grupais de destaque foi o movimento *hippie* entre as décadas de 1960 e 1970, com seu marco no festival de Woodstock, onde, em torno de 400 a 500 mil jovens encontraram-se para uma grande confraternização, tornando-se o ápice da contracultura dos anos 1960. A festa expôs o rompimento de parte considerável dos jovens americanos com a formação cristã e seus valores (SCHILLING, 2008).

Segundo Schilling (2008, p. 10), "em meio a nuvens de maconha, casais entregaram-se ao sexo em público, frente a uma plateia de gente seminua e baratinada". A partir desse movimento, muitas ideologias mudaram; foi o início de uma nova era: "quando a guitarra de Hendrix encerrou os acordes do hino nacional, numa interpretação oposta à marcialidade convencional, era dado o sinal para o começo de uma América alternativa, baseada no tripé do sexo livre, drogas e *rock-and-roll*" (SCHILLING, 2008, p. 11).

Quando as pessoas se reúnem em grande número, o caráter individual é sobreposto pelo desejo da coletividade: "transformam-se em turba desordenada, desencadeando os dinamismos profundos do homem coletivo: as feras e demônios que dormitam no fundo de cada indivíduo, convertem-se em partícula da massa" (JUNG, 1939/2008, p. 16-17), ou seja, num grupo, o indivíduo é tomado pelas repressões de seus impulsos instituais inconscientes, onde tudo o que é mau na mente humana está contido como uma predisposição (FREUD, 1996g).

3 O MOVIMENTO PENTECOSTAL

O surgimento do neopentecostalismo[10] ocorre no final da década de 1970. O foco deste trabalho alude o contexto histórico desses movimentos de massa, tendo forte ênfase na

[10] O neopentecostalismo é uma vertente do Pentecostalismo e distingue-se do protestantismo histórico por pregar a Teologia da prosperidade, a realização de milagres e o exorcismo (SOUZA, 2010).

tríade: teologia da prosperidade, exorcismo e cura, o que leva muitas pessoas a acreditarem que a religião é a solução para todos os seus problemas (FRESTON, 1994).

A teologia da prosperidade assevera que o fiel deve ofertar parte do seu patrimônio para a Igreja se quiser ser próspero e feliz, sendo que, se não der o seu dinheiro ou bens para a Igreja, o fiel pode ser amaldiçoado ou não receber as benevolências divinas. Já o exorcismo é marcado pela batalha espiritual com demônios, na qual a pessoa que está com problemas e sofrimentos, sejam psicológicos, financeiros, relacionais e outros, está com um "encosto" ou demônio que precisa ser "expulso" pelas orações do líder religioso (FRESTON, 1994).

A terceira base da tríade enfatiza os milagres divinos. Segundo a doutrina, quanto mais o fiel dá, mais ele recebe, ou seja, todos os seus problemas podem ser resolvidos a partir de sua participação nas reuniões (cultos), ou pela quantia de dinheiro que ele dá ou ainda pela qualidade de bens que oferta para a Igreja (FRESTON, 1994).

Segundo Freston (1994, p. 70), esse novo pentecostalismo "se adapta muito bem à moderna cultura urbana influenciada pela televisão e pelo capitalismo de consumo; pois ele é uma clientela de bens de religião obtidos magicamente", pois utiliza da prática mágica, através de objetos e rituais, além de um vocabulário típico da crendice popular brasileira.

Nesse discurso, encontra-se incutido o que Freud (1996b) denomina de "palavras mágicas", isto é, palavras que vão seduzir e induzir o fiel a acreditar nas promessas do Líder, conservando um poder mágico a ponto de tornar uma pessoa jubilosamente feliz ou até levá-la ao desespero, dependendo se as juras sedutoras serão ou não cumpridas na vida do fiel.

Assim, a proposta da religião é assegurar proteção e felicidade definitiva nos altos e baixos da vida; dirigir os pensamentos e ações humanas, mediante preceitos que estabelece, com toda sua autoridade; e, ainda, dar informações a respeito da origem e da existência do universo (FREUD, 1996c). Nesse sentido, a fala do líder religioso torna-se imprescindível para a dinâmica de funcionamento grupal, tendo a função de induzir as pessoas a obedecerem a suas ordenanças tal como numa magia magnética (FREUD, 1996f).

No entanto, por mais que a "palavra mágica", contida na fala do Líder, assegure a aquisição de felicidade e garanta a proteção contra o sofrimento, "a técnica religiosa não consegue manter sua promessa, por constituir-se de um delírio de massa, sobrando, como último consolo e fonte de prazer, uma submissão incondicional a Deus" (FREUD, 1996f, p. 92).

Acerca das características do Líder, o fascínio por uma intensa fé em determinada ideia que contagia todo o grupo é uma das principais: "em geral, acredita que os líderes se fazem notados por meio das ideias (sic) em que eles próprios acreditam fanaticamente" (FREUD, 1996f, p. 91). Além disso, atribui tanto às ideias quanto aos líderes um poder misterioso e irresistível, a que chama de "prestígio".

O prestígio é uma espécie de domínio exercido por um indivíduo que "paralisa inteiramente nossas faculdades críticas e enche-nos de admiração e respeito. Parece que desperta um sentimento como o da 'fascinação' na hipnose. Todo prestígio do Líder, sobretudo, depende também do sucesso ou se perde em caso de fracasso (FREUD, 1996f; MOSCOVICI, 1985).

Destaca-se, contudo, que um grupo acaba sendo um "rebanho obediente, que nunca poderia viver sem um senhor" (FREUD, 1996f, p. 92). Possui tal anseio de obediência que se submete instintivamente a qualquer um que indique a si próprio como chefe.

Remontando ao contexto do *mito da horda primeva*, o Líder do grupo continua sendo o temido pai primevo; o grupo ainda deseja ser governado pela força irrestrita e possui uma paixão extrema pela autoridade; tem sede de obediência: "o pai primevo é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego" (FREUD, 1996f, p. 138).

Dentre os vários exemplos de líder religioso, um dos personagens bíblicos, tido como o grande líder foi Moisés; um dos principais profetas e líderes do povo hebreu[11]. Segundo os Escritos Bíblicos, Moisés libertou os judeus do domínio egípcio. Foi vocacionado pelo próprio Yavé (Deus) no monte *Horeb,* onde, posteriormente, receberia as ordenanças por meio dos dez mandamentos. Liderou a nação hebreia durante 40 anos pelo deserto até conduzi-los em segurança à Terra Prometida de Canaã. Assim, pelo fato de ser profeta de Yavé, era o mensageiro da voz divina para o povo, o qual deveria obedecer à vontade do Todo-Poderoso ou, então, receberia os devidos castigos pela desobediência.

Essa tipologia de líder pode ser comparada com o que Lacan denomina de *sujeito-suposto-saber*. No entanto, ainda que Lacan mencione o *sujeito-suposto-saber* como aquele

[11] Embora Freud (1996d) questione a origem de Moisés, os manuscritos arqueológicos de *Qumran* esclarecem que ele era de fato um hebreu. O motivo de *Mosheh* ter um nome de origem egípcia é em razão de, quando bebê, ter sido achado pela filha do Faraó no rio Nilo. Destaca-se que, para os judeus convertidos, a figura de Moisés é a tipologia de Cristo, sendo uma grande afronta tê-lo como um egípcio. Apesar de Freud ter descendência judia, seus Escritos afrontam a religião Ortodoxa e, mesmo que muitos o tenham como cético, parte de suas Obras trata da Religião (LEITE, 2010).

que supostamente sabe sobre o analisante, mas que, na verdade, nada sabe, é a partir do significante da transferência, para se sustentar na alienação do seu sintoma, que o analisante busca o referencial de analista, mas logo se defrontará com um vazio, com a inconsistência do Outro (LIMA, 2010).

Da mesma forma que o povo hebreu atribuiu a Moisés, conforme a narrativa bíblica, o papel de *sujeito-suposto-saber*, ao líder religioso contemporâneo pode ser atribuído o mesmo papel, com a diferença de que este ostenta a posição de *sujeito-suposto-saber*, pois a religiosidade é uma "tentativa de obter domínio do mundo perceptível no qual nos situamos, através do mundo dos desejos que desenvolvemos dentro de nós em consequência (sic) de necessidades biológicas e psicológicas" (FREUD, 1996c, p. 164).

4 OPÇÃO METODOLÓGICA

O presente trabalho utilizou-se da pesquisa qualitativa, a qual procura ser direcionada ao longo de seu desenvolvimento e não busca enumerar ou medir eventos: "seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos" (NEVES, 1996, p. 4).

A pesquisa de campo ocorreu em duas etapas, abarcando a filmagem de um culto religioso e entrevistas individuais gravadas em áudio. Primeiro, entrou-se em contato com os líderes religiosos de três Igrejas Neopentecostais na Região Oeste de Santa Catarina. Desses, apenas um permitiu a realização da pesquisa. Os demais alegaram que tiveram muitos problemas na mídia devido às arrecadações financeiras e tinham receio de posterior publicação, por mais que fosse esclarecido o aspecto ético da mesma.

4.1 Procedimentos de Coleta de Dados

No processo da coleta de dados, contatou-se um profissional para que realizasse a gravação de áudio e vídeo do culto religioso, objetivando avaliar a interação entre líderes religiosos e fiéis, bem como a dinâmica do culto. Isso foi feito, após o Líder ter lido e assinado o TCLE.

Para a realização da filmagem, o pesquisador participou de três cultos religiosos, analisando qual seria o melhor posicionamento da câmera, a qual foi fixada em um tripé no *hall* de entrada da Igreja, voltada para o palco, de forma que não atrapalhasse o evento.

Na segunda etapa, feitas as indicações das pessoas que participariam da entrevista, agendou-se com cada participante o local e o horário, sendo utilizadas as próprias dependências da Igreja para a realização desta.

4.2 Participantes

Foram entrevistadas três pessoas, participantes de Igrejas neopentecostais. Os participantes foram: R., 55 anos, L., 47 anos e M., 18 anos. O contato com os participantes deu-se por indicação do líder religioso da respectiva Igreja.

4.3 Instrumentos e Procedimentos Éticos

Nessas entrevistas, os participantes tiveram a liberdade para manifestar livremente suas opiniões, pois, segundo Minayo (1994), torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas sob o consentimento dos participantes, após terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O tempo médio de duração de cada uma foi cerca de vinte minutos.

4.4 Análise de Dados

Para Iribarry (2003, p. 125), os procedimentos para a Análise de Dados devem levar em consideração a experiência que decorre do contato do pesquisador com os participantes de sua investigação e com os dados coletados. A essa experiência, Iribarry dá o nome de *Erfahrung* (vivência) e, para comunicá-la, o pesquisador utilizará técnicas específicas para tratamento dos dados: a leitura dirigida pela escuta e a transferência instrumentalizada, a qual será situada a partir da leitura do material dos colaboradores, de onde o pesquisador extrairá as devidas informações para a composição do ensaio metapsicológico (IRIBARRY, 2003, p. 129).

5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Analisando o material audiovisual do culto, percebe-se que é realizado um cerimonial de musicalidade por cerca de meia hora, no qual os participantes são conduzidos pelo líder religioso a manifestarem suas emoções, parecendo servir como fator preparativo da sensibilidade emocional para receberem a mensagem que virá em seguida.

Para tanto, são solicitados a fechar os olhos, bater palmas fortemente, chorar, gritar, falar em línguas estranhas e pronunciar expressões típicas do pentecostalismo, tais como: "Aleluia!" "Glória Deus!". Isso ocorre em atos simultâneos, ou seja, quando uma pessoa começa com essas manifestações, as demais continuam até emergir um grande barulho pelo templo.

Quanto a isso, Guareschi (2009, p. 221), elucida: "as estratégias de envolvimento, música, dança, gestos, etc., privam as pessoas de uma dimensão essencial do ser humano: pensar, refletir, considerar, criticar e escolher livremente".

Como visto, Freud (1996e) destaca que, em um grupo, todo sentimento e todo ato são contagiosos em tal grau que o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo. Da mesma forma, é comum nos grupos a regressão a um estágio anterior da atividade mental, ou seja, em grupo as pessoas são tomadas pelas emoções, sendo que o simbólico ganha força e a capacidade intelectual diminui.

Em relação às letras das músicas, boa parte afirma que a pessoa necessita do cuidado de Deus Pai, semelhante à criança que, alicerçada na figura paterna, necessita de atenção especial:

> *Eu quero subir no mais alto que eu puder, só pra Te ver, olhar para Ti [...] E chamar Sua atenção para mim [...] Eu preciso de Ti Senhor; eu preciso de Ti, oh Pai, sou pequeno demais...* (cf. transcrição de filmagem projetada por Power Point em multimídia).

Em outro momento, a letra apresenta uma linguagem triunfalista, incentivando a busca pelo sucesso. Como esclarece Freud (1996e), o indivíduo, quando em grupo, perde a noção de impossibilidade, isto é, adquire sentimento de onipotência, no qual, os instintos primitivos aumentam e a imagem ganha força:

> *Prosseguindo para o alvo eu vou, a coroa conquistar [..] vou lutando, nada pode me impedir...*
> *[..] Posso Pisar numa tropa e saltar as muralhas , Aleluia, Aleluia* (cf. transcrição de filmagem projetada por Power Point em multimídia).

Nesse caso, como no sonho, a representação da palavra é muito mais latente, servindo a palavra como imagem. Como discute Guareschi (2009), as motivações empregadas pelos pastores baseiam-se em um discurso que aguça o universo simbólico dos fiéis, levando-os a uma poderosa catarse e alívio espiritual.

Zimerman e Osório (1997) afirmam ser o grupo marcado pelos desejos, identificações e necessidades, sendo que a musicalidade marca um ponto crucial no emocional das pessoas que estão no culto, pois representam um alívio momentâneo.

Após o ritual da música, a segunda parte do culto reflete a fala do Líder para os participantes, o que denominam de "Momento da Palavra de Deus". Interessante destacar que a Palavra de Deus é na verdade a palavra do Líder, ou seja, o Líder se coloca como o sujeito que canaliza a voz de Deus para o povo, logo, o que ele diz é o que, em sua concepção, Deus quer que o povo pratique.

Assim, o Líder atribui a Deus vários papéis: em determinado momento, Deus é o Pai que sustenta os filhos carentes ou o Rei que ordena ao povo vassalo. Em outro momento, o Juiz algoz, que pune os fiéis quando cometem pecado, ou então um Deus amoroso que se sacrifica pelos fiéis.

Existe um grande incentivo aos fiéis a não procurarem qualquer tipo de ajuda profissional de médicos ou psicólogos, pois declaram que precisam ter fé, pois Deus cura todas as doenças. No entanto, o próprio Líder declara durante o culto que uma mulher foi curada de quatro cânceres e precisou realizar quimioterapias. Além disso, a fala do Líder aguça o processo da negação nos fiéis; não aceitam quando ficam doentes:

Fala do Líder no culto (citando a declaração de uma pessoa que estava enfrentando a morte):

> *Pai, eu não posso aceitar isso! Eu não quero morrer! Eu não quero ficar doente. Olha, eu não aceito isso na minha vida. Eu quero te dizer que o Senhor vai ter que voltar atrás nessa decisão. Estou determinado que não vou morrer.*

Dessa forma, os fiéis acreditam veementemente naquilo que o Líder promete: sua vida será próspera, será diferente de todas as pessoas da sociedade, não ficarão doentes, não

passarão dificuldades financeiras e nem conflitos emocionais. Acreditam que a vida na Igreja, será muito melhor que aquela de antes, quando não a frequentavam.

No entanto, no decorrer das entrevistas, percebe-se que essa crença acaba sendo disfarçada, ou seja, faz com que os fiéis vivam na fantasia de terem o que não tem e ser o que não são. Aparentam serem pessoas simples, com parcos recursos financeiros, mas no imaginário são ricos e prósperos, próximos da perfeição, tal como se percebe nas entrevistas a seguir.

5.1 Entrevista 1: r. 55 anos, frequenta a igreja há 13 anos

Questionado acerca do contexto de sua iniciação na Igreja, R. alega que estava desempregado, doente e em conflito conjugal, quando resolveu procurar a Igreja para melhorar e mudar de vida.

A representação social de que a Igreja soluciona todos os problemas da pessoa, predispõe à crença de que tudo o que for dito pelo líder religioso trará as respostas necessárias à situação vivenciada pelo fiel. Assim, R. começa a frequentar a Igreja com a perspectiva de encontrar a solução para seus conflitos. Contudo, a narrativa de sua conversão é tão distorcida que não dá para saber se ele está falando acerca de um terceiro ou sobre si mesmo.

> *Um dia cara, eu peguei um mendigo e levei lá pra falar com o pastor. Daí esse pastor falou com esse cara... e tocou no meu coração aquilo. Um pouco eu tava bêbado sabe... E ele começou, falou, falou e aquele bêbado começou a chorar e Deus falou comigo. Eu disse: "meu Deus, o que é que eu tô fazendo?". E daí fomos pra casa e aquele bêbado começou a parar de tomar cachaça. E resolveu se batizar. E quem que levou ele pra batizar? Eu! E eu já tava na Igreja. Daí eu levei ele pra batizar e na hora... foi assim. Deus tocou no meu coração e eu desci às águas. (R.)*

Quanto a esta suposta conversão e mudança de vida, R. diz que brigava muito com as pessoas, mas que hoje não frequenta locais que propicia um ambiente que o incite a brigas.

> *Hoje é só na Igreja... pra mim é trabalho e Igreja.. (R.)*

Se sua vida se resume a ir à Igreja para suprimir a raiva, então se um dia ele não puder mais frequentar a Igreja, tornará a ser explosivo e briguento? Nesse sentido, a repressão do seu verdadeiro eu é nítida, criando um imaginário de que as coisas na Igreja são sagradas, e

não pode haver espaço para interações sociais e de lazer fora deste ambiente para não se contaminarem com o pecado.

Esta suposta transformação de vida está sempre aliada a uma relação de troca de favores, onde o fiel dá algo de si para Deus, orientado pelo Líder, o qual se coloca como representante de Deus, e Deus, por outro lado, atende aos pedidos do fiel.

A barganha geralmente relaciona-se com os dízimos e ofertas pedidas pelo líder religioso. Guareschi (2009) mostra que vivemos numa sociedade capitalista, na qual o fiel geralmente associa o referencial simbólico de mercado contido no discurso do líder religioso com uma transação simbólica com Deus por meio da Igreja, ou seja, quanto mais a pessoa dá, mais ela recebe em favores.

R. diz que, mesmo em dificuldades financeiras, sacrificou-se para dar a maior quantidade de dinheiro possível na Igreja, objetivando ser mais abençoado por Deus:

> *O pastor largou uns carnê de R$ 100, R$ 50, R$ 30, R$ 20 e R$10 né. E eu meio apertado, mas Deus tocou no meu coração: "pega o de 100". E eu peguei e fiz um sacrifício muito grande cara. (R.)*

O Líder atua no papel de Deus, fazendo o fiel sacrificar suas últimas economias. Afinal foi Deus quem disse: "pega o carnê de R$ 100" ou foi o líder religioso? E, se, mesmo não possuindo recursos, o fiel não contribuir com o que pode, o Líder o faz crer que uma força maligna está impedindo-lhe de prosperar na vida.

> *Eu só tinha 100 reais no bolso e o Inimigo (diabo) não queria que eu desse aquele dinheiro, e daí eu saí aqui fora da Igreja e Deus falou forte comigo: "volta e dá o dinheiro". Voltei, dei e dois dias depois me apareceu um negócio num carro. Comprei um carro. (R.)*

Existe aqui um dualismo entre o bem (Deus – que quer que ele dê o dinheiro) e o mal (diabo – que não quer que ele dê o dinheiro). Ou seja, ainda faltava mais uma parcela de R$ 100,00 e como se estivesse hipnotizado, precisou voltar e dar o único dinheiro que tinha. Contudo, depois de dois dias, acredita que magicamente adquire um automóvel, o qual, questionado, diz não saber como comprou.

Tanto em relação às finanças quanto à saúde, o líder religioso atribui a falta de ambas a uma força maligna. Se um fiel for acometido de determinada doença, atribuem tal enfermidade ao diabo e, assim, não procuram auxílio profissional. Na busca pela cura, ou vão praticar o exorcismo, ou irão fazer orações até que passe a enfermidade.

5.2 Entrevista 2: l., 47 anos, frequenta a igreja há 5 anos

Assim como na primeira entrevista, L. declarou que buscou auxílio na Igreja, não pela prosperidade ou felicidade plena apregoada, mas por ocasião de alguns problemas que estava vivenciando na época: era alcoolista e tinha acabado de perder um amigo em acidente de trânsito devido à bebida alcoólica.

> *um amigo meu morreu... Foi na minha casa, tomamos 3 caixas de cerveja, de noite, ele tava voltando e eu escutei que o cara tinha morrido... pegou com a moto debaixo do caminhão, no eixo... Eu também bebia né, mas aí eu deixei a bebida e vim pra Igreja...(L.)*

Perguntado sobre tal acontecimento, L. diz que se identificou com a situação, pois, no lugar do amigo alcoolista, poderia ter sido ele o acidentado, então, decide se refugiar na Igreja. Há, contudo, uma questão em sua fala: seu amigo morre após sair da casa dele bêbado. Será que L. começou a frequentar a Igreja para se livrar da bebida ou do sentimento de culpa pela morte do amigo?

Por esse viés, há um grande grupo que frequenta a Igreja todos os dias, os quais se consideram irmãos por fazerem parte do que intitulam "família da fé". Nesse grande grupo, as pessoas se refugiam e reprimem o sentimento de culpa por meio das neuroses desenvolvidas, além da supressão do medo do desamparo:

> *Vai que eu morro? Vai que eu fico inválido? As pessoas vão se incomodar comigo, eu vou andar de cadeira de roda, não tem sentido a vida... (L.)*

Na época de sua conversão, L. considerava-se um "doente da alma", citando, na entrevista, o jargão muito comum no meio evangélico: "Jesus veio para os doentes e não para os sãos". Então, é possível pressupor que somente as pessoas doentes podem frequentar a Igreja?

Ao que parece, este grande grupo de pessoas que vão para a Igreja apresentando algum tipo de necessidade, seja financeira, ou relativa à saúde, torna-se alvo fácil de manipulação das promessas feitas pelo líder religioso, o qual se coloca como detentor da palavra, garantindo-lhes prosperidade e felicidade a partir do momento em que se "entregam a Cristo", colocando-se à inteira disposição da Igreja.

Após essa "entrega", os fiéis têm a oportunidade de receberem riquezas, "tomando posse da bênção", como dito no culto, ou seja, acreditam que de uma maneira mágica, por meio da palavra do Líder, recebem tudo o que desejam. L. disse que era pobre, com grandes dificuldades financeiras, quando o pastor lhe fez uma profecia dizendo que L. teria uma casa nova e um carro novo em menos de dois meses, o qual, segundo ele, aconteceu.

Com isso, L. acredita piamente e alude metaforicamente que as pessoas da Igreja são felizes porque são ovelhas guiadas e cuidadas pelo pastor, o qual emite as ordens para onde estas devem se dirigir.

> *O pastor é nosso superior né, a gente tem que ser ovelha pra obedecer nosso pastor né... (L.).*

É bem clara na concepção dos entrevistados que é necessário um líder para governá-los e guiá-los. Ao contrário, ficariam perdidos na tomada de decisões até mesmo para questões mais simples. Dessa forma, centralizam toda a expectativa de que o Líder é o *sujeito-suposto-saber*, ou seja, que existe alguém instituído por Deus para guiar o povo. L. busca a figura de Moisés na Bíblia, para dar o exemplo arquétipo de líder religioso.

> *Que nem Moisés: Deus escolheu ele pra lidar com o povo né? O pastor é como se fosse Moisés... ele que ora né, e nós somos as ovelhas. A ovelha que gera ovelha né. Nós que fazemos visitas, nós que trazemos as pessoas pra Igreja, o pastor acolhe, ora, faz o culto... (L.)*

Destaca-se que, na narrativa bíblica, Moisés era um homem agressivo, chegando ao ponto de cometer um homicídio contra um egípcio e de ferir fortemente a rocha (protótipo de Cristo) com seu cajado. Pela tradição cristã, é o autor do Pentateuco – os 5 livros da Lei do Antigo Testamento – e foi também quem recebeu de Deus as tábuas da Lei (mandamentos). Ademais, Moisés era o líder religioso dos israelenses, a quem liderou durante 40 anos, guiando-os pelo deserto (ALMEIDA, 1993, p. 58-78).

A partir do momento em que L. compara o pastor da Igreja com Moisés, está trazendo que, independente do que este faça, continua sendo o Líder. Assim, parece haver uma atração pelo legalismo da Igreja, ou seja, quanto mais regras, mais os fiéis gostam de seguir, como se fossem obsessivos por estas regras e rituais.

Ele próprio, inconscientemente, pelo mecanismo da negação, revela que, apesar de ser apenas um membro comum, gostaria de ser um pastor, ou seja, como no *mito da horda primeva*, cometer o parricídio (burlar a lei) e apropriar-se do clã.

> *Eu não tenho estudo quase, mas eu fiz 2 anos de curso pra ser pastor, mas eu nunca quis ser pastor. (L.)*

Se L. nunca quis ser pastor, porque estudou 2 anos para ser pastor? Assim, por todas as características citadas do líder religioso, fica claro que é a figura venerada, a mais importante e onipotente da Igreja, o porta-voz de Deus; o dono da última palavra e a pessoa mais temida, por ser o representante do próprio Cristo e tem o foco da atenção da plateia.

5.3 Entrevista 3: m., 18 anos, frequenta a igreja desde a infância

M. é filho de pastores, que há mais de 20 anos lideram a Igreja. Enfatizou o tempo todo que a melhor coisa de sua vida é fazer parte da Igreja e não ter nenhum vínculo de amizades com as "pessoas do mundo[12]". Da mesma forma, alega que não pode ter relacionamento amoroso e nem ouvir música fora do âmbito da Igreja, ou seja, vive alienado dentro do legalismo imposto pela doutrina. Ao mesmo tempo em que vive nessa alienação, M. transpassa um desejo de conhecer as coisas fora da Igreja:

> *Olha, quando a gente é jovem e começa de verdade na Igreja, a gente não tem muito aquele temor e quer conhecer o mundo lá fora...(M.)*

O que seria começar de verdade na Igreja? Então existe um começar de "mentira"? A crença existente é que só a Igreja é detentora da verdade, por isso tantas regras a serem seguidas, como esta de não se inter-relacionarem com as pessoas que não frequentam a Igreja.

O que se percebe, contudo, é que existem fiéis que burlam essas leis, mesmo que seja só no desejo. Esse "burlar" é intitulado de pecado, o qual é motivado pelo diabo e por aqueles que não temem a Deus. Sendo jovem, M. acredita que os jovens estão mais suscetíveis a cometer pecado, a cair em tentação sexual e, por isso, policia-se o tempo todo para não pecar. Mesmo assim, deixa implícito que não consegue seguir todas essas leis:

[12] Expressão usada para diferenciar os que frequentam dos que não participam da Igreja.

> *a gente é humano... a gente erra, como qualquer pessoa... não importa a pessoa que é, a gente erra... mas a gente tá sempre tentando estar na Palavra de Deus. (M.).*

M. considera que só o líder religioso consegue seguir as leis da Igreja de forma perfeita, por isso são tão invejáveis e dignos de serem seguidos e obedecidos. Isso remete ao *mito da horda primeva,* na qual ninguém pode se igualar ao pai perfeito, tanto que o grupo se desfaz posteriormente.

> *Eles são pais que nos levantam a fé, que nos motivam a crer mais em Deus...(M.)*

Tal crença, no entanto, levanta a seguinte questão: se o líder da Igreja tornar-se falho, o que acontecerá com o grupo? Será que permanecerá inabalável ou isso lhe causará uma cisão?

Quanto à palavra que o Líder profere, M. diz:

> *são palavras que vêm, às vezes, trazer paz, trazer um carinho, um afeto... talvez que a gente não tem lá fora porque hoje em dia no mundo né... as pessoas se machucam bastante até com um pai de família...(M.)*

Novamente aparece um conflito na fala do entrevistado, como ocorreu com o primeiro, quando não elucida se está falando a respeito de terceiros ou de si mesmo, mas, a partir da descrição acima, é possível pressupor que M. considera o líder religioso um substituto do pai, pois por intermédio da palavra, o Líder concede paz, carinho e afeto para as pessoas machucadas e desamparadas. Entretanto, com tal declaração, não é possível distinguir se M. está se referindo a terceiros ou a si próprio como "desamparado pelo pai", "machucado", "em guerra" e com falta de afeto na família.

> *São pais pra mim na verdade... (M.)*

Se a fala de M. refere-se a si próprio, então, é questionável se quem está machucado com o pai pastor, não seria ele mesmo, necessitando ter sua ferida curada na Igreja, com o pastor que exerce simbolicamente a função paterna?

No entanto, ao que parece, essa relação de carinho e afeto atribuída ao Líder, como nas demais entrevistas, é embasada numa relação de troca, na qual se revela sendo usado, pois, em

vários momentos ele diz que é usado pela Palavra de Deus e pelos líderes, fazendo dele uma pessoa sem identidade.

> *estamos sendo usado pela Palavra de Deus mesmo... a Bíblia né [...] as pessoas da Igreja são pessoas que são usadas... que Deus está usando ...(M.)*

Não é em vão que M. se sente usado. Os líderes da Igreja exercem grande influência sobre os fiéis, a ponto de esses se anularem e submeterem-se ao legalismo da Igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nítido que muitas pessoas procuram a religião como forma de enfrentamento dos seus problemas, especialmente nas Igrejas pentecostais, onde podem expressar seus sofrimentos psíquicos por meio das diversas manifestações ritualísticas. É perceptível, porém, que existe apenas um alívio momentâneo, pois os problemas de outrora ainda continuam, por mais que expressem que tiveram uma mudança de vida.

Para os entrevistados, o Líder tem a palavra certa, o qual se coloca na posição de *sujeito-suposto-saber*, que pensa que tudo sabe sobre o fiel, mas nada sabe.

Os fiéis acreditam que a palavra do Líder é fator proeminente de sua sobrevivência: se o fiel está depressivo, o pastor tem a palavra para lhe dar ânimo; se o fiel está doente, o pastor tem a palavra para a cura. E para exercerem este domínio sobre as pessoas, o líder religioso impõe a sua palavra como se fosse a palavra do próprio Deus, o que causa temor nos fiéis.

Equipara-se esta ocorrência a uma hipnose, na qual, como diz Freud (1996e), o hipnotizador constitui o único objeto [de catexia libidinal] e não se presta atenção a mais ninguém que não seja ele, onde a relação hipnótica ocorre como uma "devoção ilimitada de alguém enamorado (FREUD, 1996e, p. 124)".

Assim, os fiéis acreditam que necessitam de um pastor para sobreviver e vivem mais no imaginário do que na realidade, pois substituem a medicina e a psicologia pela fé. Quando ficam doentes, não procuram um médico e atribuem a doença a uma força maligna; quando passam por sofrimento psíquico, substituem o profissional psicólogo pela palavra do pastor.

Alimentam a alucinação beatífica de que quanto mais buscam a fé, mais se fortalecem, menos adoecem e mais se enriquecem. Nessa política do dar-receber, o capitalismo torna-se o

centro da crença dessas religiões: são desafiados a darem todo o dinheiro que possuem para que Deus lhes dê em dobro as bênçãos que necessitam.

Acreditam e são enfáticos em dizer que recebem as coisas a partir do nada, magicamente. Contudo, seja na aquisição de um imóvel ou automóvel, não explicam os recursos pelos quais obtiveram esses bens, somente que não tinham nada e da noite para o dia, como num passe de mágica, adquiriram o bem material.

No entanto, percebe-se, pelas entrevistas, que a prosperidade que tanto enfatizam, seja no âmbito familiar, social, financeiro e emocional não é tão bem-sucedida quanto dizem.

Em uma pesquisa realizada com pacientes internados no Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas, percebeu-se que a intensidade da religiosidade revelou-se associada à prevalência geral dos transtornos, especialmente ao transtorno bipolar, pelo menos em 43,2% dos 253 participantes, descritos como "muito religiosos" participantes de Igrejas pentecostais (SOEIRO et.al. 2008).

Na pesquisa atual, percebe-se que a vivência na Igreja se dá de forma muito intensa, salientando as extremidades, ou seja, não existe meio termo: ou se tem muito dinheiro, ou se é um miserável; ou a pessoa é crente no seu mais amplo sentido do termo, ou não é; ou goza de uma saúde ímpar, ou vive doente.

Na presente pesquisa, verificou-se que a maioria dos fiéis é de pessoas que aparentam ter pouco estudo e poucas condições financeiras, mas vivem na ilusão de que são pessoas prósperas e cultas.

Alimentados por esse imaginário aguçado de que são pessoas de grandes posses, desenvolvem uma série de rituais obsessivos, cujo conteúdo é reprimido e parece haver algo muito mais primitivo do que a repressão, como ocorre na psicose.

De fato, as pessoas que trocaram a agressividade, o alcoolismo e a falta de carinho pela religiosidade, apenas substituíram um vício pelo outro; uma falta pela outra, sendo que, quanto mais vulnerável a pessoa estiver, mais se tornará submissa à palavra do líder religioso e obediente às ordenanças da Igreja.

Para isso, vivem num constante estado hipnótico, a ponto de cumprirem tudo o que o líder ordenar, sem medir as consequências, tenha ele uma postura ética ou não. Dessa forma, o líder assume diferentes personagens, outrora atribuídas a Deus: ora como a mãe carinhosa, ora o pai castrador, ora o juiz algoz; e, estando em grupo, com a capacidade intelectual enfraquecida, não percebem que são por vezes manipulados.

O líder religioso, ao contrário do analista, é aquele que direciona a palavra ao fiel, alimentando sua neurose e dependência religiosa, fazendo desta uma muleta em sua caminhada. Ao contrário da psicologia, que proporciona a cura a partir do próprio paciente, na religião é o líder que administra e detém a palavra de cura.

Não obstante, considera-se que o refúgio na religião é, muitas vezes, o único meio que essas pessoas têm para aliviar seus problemas. Nesse sentido, pode-se dizer que a Igreja, como parte da Rede Social, auxilia as pessoas no enfrentamento de seus problemas e abre um campo estratégico de atuação da Psicologia na Comunidade, a qual, muitas vezes, omite o seu papel social, restringindo-se à Clínica.

Dalgalarrondo (2008) destaca três áreas que avaliam os aspectos positivos da saúde e do funcionamento psicossocial na religião, considerando o bem-estar, a qualidade de vida e a rede de apoio social. A primeira inclui a satisfação com a vida, o afeto positivo, o sentimento de felicidade e moral elevada; a segunda, abarca as dimensões de ser otimista em relação ao futuro, ter esperança e ver um sentido na vida; e, a terceira, engloba as redes de apoio social e a estabilidade conjugal e familiar.

Por mais que os participantes da Igreja vivam num estado hipnótico, ouvindo tudo o que o Líder diz, talvez seja o único referencial de vida que essas pessoas possuam, por mais que se encontrem numa relação de troca de vícios – alcoolismo pela Igreja –, deram o primeiro grande passo para uma sublimação, ausente da droga e da violência doméstica. Acima de tudo, os entrevistados gostam da vida que levam, orgulham-se de frequentarem os eventos da Igreja e declaram ter grande fé e esperança na vida.

O presente trabalho, contudo, pode ser considerado uma síntese introdutória diante da vasta quantidade de material e exploração da presente temática.

THE IMPLICATIONS OF NEOPENTECOSTALISM AND THE DISCOURSE OFRELIGIOUS LEADER FROM THE PERSPECTIVE PSYCHOANALYTIC

Abstract: The aim of this research is to identify which factors can take the people to seek the solution of their problem in religion and whether such kind of problems are effectively solved or momentarily a reality that remains hidden. It was held a theoretical survey about religious education and groups. The method employed to carry out this research was the quantitative one. Data was collected by using audiovisual resourses and later it was transcribed for purposes of analysis. Three men were appointed by their religious leader to participate in the interviews. It was found that the faithful members believe in their leader's speech and this is

the prominent factor of survival equating to an occurrence of hypnosis. It was further found that the believers substitute the science and the psychology for faith and confer origin of the disease to the evil force.

Keywords: Psychoanalysis. Religion. Social Representations.

Referências

ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada**. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BIBLE WORKS Version 7.0, LLC. **GNT FRIBERG NT**, 2006.

CLAVELLO, Rogério L. **O que é Torah**? Disponível em: <www.tabernaculodedavid.com.br>. Acesso em: 15 abr. 2010.

DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, Psicopatologia e Saúde Mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2004, 2120 p.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos, nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo, 2. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1994.

FREUD, S. Atos Obsessivos e Práticas Religiosas. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. Conferências introdutórias sobre Psicanálise. In: _____. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: v. 15. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

_____. Conferência 35: a questão de uma Weltanschauung. In: _____ **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

_____. Moisés e o Monoteísmo. In: _____. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

_____. O Futuro de uma Ilusão. In: _____. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996e.

_____. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: _____. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996f.

_____. Totem e Tabu. In: _____. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996g.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais** 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

IBGE. **Tendências demográficas**: uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos de 1940 e 2000. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 mar. 2010.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jan./jun., p. 115-138, 2003.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LACAN, Jacques (1988) O seminário. Livro 11. **Os quatro conceitos da psicanálise**, 1964. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.

LEITE, Edgard. **Os Manuscritos de Qumran e a Teologia do Cristianismo Antigo**. Disponível em: <www.revistajh.ufrj.br>. Acesso em: 8 maio 2010.

LIMA, Celso Rennó. **Psicanálise ou Psicoterapia**: o lugar do analista. Disponível em: <www.lacanian.net>. Acesso em: 12 maio 2010.

MADJAROF, Rosana. **Mito, Rito e Religião**. Disponível em <www.mundodosfilosofos.com.br>. Acesso em: 12 mar. 2010.

MINAYO, M. C. S. (Org.).**Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOSCOVICI, S. **La era de las multitudes**: un tratado histórico de psicología de las massas. México: Fondo de cultura econômica, 1985.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa**: características, usos e possibilidades. FEA USP, v. 1, n. 3 2. Sem., 1996.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Luiz Antonio de. **Censo 2010: número de católicos cai**. Disponível em <www. saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias >. Acesso em: 15 jun. 2013.

SCHILLING, Voltaire. 1968, A revolução inesperada. **Caderno de História**, n. 47. Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2008.

SOEIRO, Rachel Esteves et al. Religião e transtornos mentais em pacientes internados em um hospital geral universitário. **Caderno de Saúde Pública** [online], v. 24, n. 4, p. 793-799.2008

SOUZA, Bruno Aníball Peixoto de. **História das Religiões**. Disponível em <www.portalbrasil.net/religiao>. Acesso em: 12 mar. 2010.

ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.